

DANIEL 5.25: A PARÁBOLA DA BALANÇA DA HISTÓRIA MUNDIAL¹

Friedrich Erich Dobberahn²

Resumo: O presente estudo bíblico sobre Dn 5.1-7, 8-31 visa a explicar o sentido originalmente intencionado de Dn 5.25. Mostra-se através de uma análise histórico-crítico da perícopo de Dn 5 que atrás da versão do texto massorético, da Septuaginta e de Flávio Josefo esconde-se, no versículo 25, uma reflexão teológica sobre a justiça divina na história do mundo. Dn 5.25 contém uma parábola sobre uma balança na história com a qual Deus equilibra o peso crescente dos oprimidos contra o peso decrescente dos poderosos. **Palavras-chave:** Daniel. Septuaginta. Flávio Josefo. História mundial.

Daniel 5:25: The parable of the scale of world history

Abstract: This Bible study on Dan 5:1-7, 8-31 aims at explaining the meaning originally intended of Dan 5:25. It is shown through an historical-critical analysis of the pericopy of Dan 5 that behind the version of the Massoretic Text, of the Septuagint and of Flavius Josephus there is hidden in verse 25 a theological reflection on divine justice in the history of the world. Dan 5:25 contains a parable about a scale in history with which God balances the growing weight of the oppressed against the decreasing weight of the powerful.

Keywords: Daniel. Septuagint. Flavius Josephus. World History.

Um “*menetequel*” que ainda não se deixa decifrar...

Dia 11 de setembro de 2001! Escrevo este artigo quase dez anos mais tarde. O acontecimento desse dia foi um “*menetequel*” para nosso mundo, uma inscrição na parede de nossa história contemporânea que ainda não se deixa decifrar a contento. Às imagens mais impressionantes sobre o impacto desse acontecimento de terrorismo desenfreado pertence, para mim, um breve filme de Samira Makhmalbâf (“11’9’01 – 11 September – God, Construction and Destruction”)³. Ela mostra uma

¹ O artigo foi recebido em 29 de agosto de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 17 de setembro de 2010.

² Doutor em Teologia (Antigo Testamento) e Línguas Semíticas pela Universidade de Bonn, Alemanha; foi reitor da Academia de Missão em Hermannsburg, Alemanha (2001-2206), onde também atuou como professor de Antigo Testamento, de Islã e de Ciências de Religião (1997-2006); foi Recognized Lecturer da Universidade de Birmingham, Inglaterra e da Mision Høgskolen de Stavanger, Noruega, e também professor universitário da Deutsche Universität in Armenien (DUA), Yerevan, Armênia. De 1985-1993, foi professor de Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia da IECLB em São Leopoldo/RS. É autor de vários livros e de muitos artigos nos Estudos Teológicos (São Leopoldo/RS), nos Estudos Bíblicos (Petrópolis/RJ), na RIBLA (São Paulo) e em outras revistas especializadas. FrDob@aol.com

³ Veja o texto inglês em: <www.makhmalbaf.com/persons.php?p=4>.

professora diante de crianças de fugitivos do Afeganistão no Irã. A cena acontece, alguns dias depois dessa catástrofe, no campo desses fugitivos, perto de uma fábrica de tijolos. No pano de fundo se vê uma chaminé gigante. O grupo de alunos está colocado em frente de altos e compridos muros de tijolos. A professora pergunta às crianças: “Vocês sabem, por acaso, qual desgraça aconteceu em Nova Iorque e em Washington poucos dias atrás?”. Alguns alunos pedem para ser chamados. Dizem: “Sei! Um rapaz caiu e quebrou a perna!” ou: “Sei! Uma pequena moça caiu num poço e afogou-se!” etc. A professora tenta explicar o que aconteceu em Nova Iorque e em Washington, em cidades muito distantes e para as crianças quase fora do mundo. As crianças, no entanto, não conseguem entender plenamente a gravidade dessa catástrofe. *Falta-lhes simplesmente a imaginação necessária* para poder entender o que realmente aconteceu. Seus rostos e olhos ficam sem entendimento. Não obstante, a professora convida as crianças para um minuto de silêncio, dizendo: “Vamos pensar nessas pessoas que pereceram de modo tão horrível, e igualmente nessas pessoas que perderam alguém muito querido de sua família!” Como, no entanto, a professora não tem nenhum relógio, ela pega um giz e desenha em uma das muralhas de tijolos um grande círculo. Contando até sessenta, ela passa com suas mãos ao longo da linha desse círculo. Mas as crianças não ficam quietas; elas começam a discutir entre si: “Será que Alá pode matar as pessoas que ele mesmo criou...?” De novo, a professora tenta a explicar os golpes de Nova Iorque e Washington de maneira mais explícita: “Imaginem: vocês iriam ser sepultados vivos embaixo da gigante chaminé fumacenta lá no fundo!” Vê-se depois, mais uma vez, o minuto de silêncio; vê-se de novo o caminho das mãos no relógio imaginário... De repente, as crianças ficam paradas, emudecem. No entanto, seus olhos e rostos – embaixo da gigante chaminé fumacenta, em frente dos quase infinitos muros de tijolos – espelham que todas elas ainda *continuam sem entendimento* diante da dimensão dos horrores do dia 11 de Setembro de 2001, diante desse *menetequel*...

Entre as numerosas imagens e as mais diversas interpretações desse dia, o filme de Samira Makhmalbâf simboliza para mim, em sua maneira muito específica – também ainda depois de quase dez anos –, a impetuosidade incrível daquilo que aconteceu. Afinal, todos nós continuamos sendo como *crianças* sem entendimento aprofundado diante de tudo isso. Mesmo que, na última década, muitas pesquisas foram publicadas sobre as “maneiras modernas” de conduzir guerras⁴, nossa imaginação ainda está rompida pela catástrofe dessa data. De fato, depois de dez anos, ainda não conseguimos *ler a fundo* o que foi inscrito como “*menetequel*” nas paredes

⁴ Entre muitos outros livros, menciono apenas: MÜNKLER, H. **Die neuen Kriege**. Hamburg: Reinbek, 2002. (Bundeszentrale für politische Bildung, Schriftenreihe Band 387); _____. **Vom Krieg zum Terror** – Das Ende des klassischen Krieges. Zürich, 2006. (Schriftenreihe der Vontobel-Stiftung); um livro que trabalha as causas em forma narrativa é: AL-ASWANI, Alaa. **Der Jabubijân-Bau** – Roman aus Ägypten. Basel: Lenos Verlag, 2007. p. 142ss, 180ss, 212ss, 216ss, 227ss, 250ss, 284ss, 306ss, 356ss. (A história do jovem Taha al-Schâsli).

da nossa história contemporânea.⁵ Será que os nossos políticos de hoje precisam mais daquela imaginação profética de Daniel que está em condição de desmascarar e trabalhar as causas de tais catástrofes de nossa época?

O “mene, mene, tequel u-pharsin” de Daniel 5.1-7, 8-31 (esp. 25)

Esse breve filme lembrou-me de uma passagem no livro de Daniel: Dn 5.1-7, onde se lê a seguinte história:

O rei Belsazar [da Babilônia] deu um grande banquete a mil dos seus grandes, e bebeu vinho na presença dos mil. Enquanto Belsazar bebia e apreciava o vinho, ele mandou que lhe trouxessem as taças de ouro e de prata, que Nabucodonosor, seu pai, havia tirado do templo de Jerusalém, para nelas beberem o rei, seus grandes, suas concubinas e cantoras. Então trouxeram-lhe as taças de ouro e prata arrebatadas ao santuário do templo de Deus em Jerusalém, e nelas beberam o rei, seus grandes, as concubinas e suas cantoras. Eles bebiam vinho e entoavam louvores aos deuses de ouro e de prata, de bronze e de ferro, de madeira e de pedra. De repente, apareceram dedos de mão humana e escreviam, por detrás do lampadário, sobre o estuque da parede do palácio real; e o rei via a palma da mão que escrevia. Então se mudou o semblante do rei, e os seus pensamentos o assustaram. As juntas dos seus lombos se relaxaram e os seus joelhos puseram-se a bater uma contra a outra. E logo, aos gritos, o rei ordenou que se chamassem os adivinhos, os caldeus e os astrólogos. E disse o rei aos sábios da Babilônia: “Aquele que souber ler esta inscrição, e dela me der a interpretação, será revestido de púrpura, receberá um colar de ouro ao redor do pescoço e ocupará o terceiro lugar no governo do meu reino”.

O texto de Daniel (5.8-31) continua, dizendo que todos os sábios do rei da Babilônia afinal não conseguiram ler nem interpretar a inscrição enigmática na parede. Entrou, ao ouvir os gritos do rei e de seus grandes, a rainha-mãe na sala do banquete, chamando a atenção do rei ao profeta Daniel, um dos cativos de Judá, um homem “de espírito excelente, de conhecimento e inteligência”. Dentro de pouco tempo, esse foi introduzido à presença do rei. Daniel aparece. Suas palavras em frente do rei passam da denúncia para o anúncio do juízo. Antes de dar sua interpretação, Daniel repreende o rei Belsazar por causa de seus feitos, de sua soberba e arrogância; soube decifrar e explicar, depois, o sentido dessa escritura, avisando ao mesmo tempo o juízo de Deus sobre o reino da Babilônia: A inscrição, assim traçada, é a seguinte (5.25): מנא מנא תקל ופרסין = M^oNÊ’, M^oNÊ’, T^oQUÊL Û-PHARSÎN. E esta é a interpretação dela: “M^oNÊ’: Deus *contou* o teu reino, e deu-lhe fim. T^oQUÊL: tu foste *pesado* na balança e foste julgado deficiente. P^oRÊS: teu reino foi *dividido* e entregue aos medos e aos persas”. O capítulo 6 inicia depois com a breve infor-

⁵ VV. AA. **Die Erste Seite** – Internationale Schlagzeilen nach dem 11. September 2001. Köln: Verlag Karl Müller GmbH, 2002.

mação de que, naquela mesma noite, Belsazar, rei dos caldeus, foi assassinado e que Dario, o rei dos medos e persas, assumiu o poder sobre a Babilônia.

Uma tentativa de aproximar-se do significado de Daniel 5.25

Gostaria de investigar, a seguir, o sentido dessa inscrição bastante obscura de Dn 5.25: “M^eNÊ’, M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN”. Para a nossa investigação é necessário salientar que o redator do livro de Daniel incorporou em sua obra aqui uma frase bastante misteriosa e obscura para aplicar uma mensagem *através de sua interpretação* dessa frase. Quer dizer: a interpretação *bíblica* dessa frase em Dn 5.26-28, a princípio, não precisava apresentar um resultado filológica e exegeticamente correto; o resultado da interpretação, *por sua vez*, tinha que ser “correto” apenas com respeito à intenção da história de Dn 5: anunciar ao rei da Babilônia o juízo de Deus. Por outro lado, isso não significa que o sentido original da inscrição não trouxe nenhuma mensagem importante dentro do contexto do livro de Daniel, antes de tudo, na época de Antíoco IV (175-164 a.C.), época de ferrenha opressão aos judeus. Talvez consigamos, a seguir, ressaltar como também o sentido original do “M^eNÊ’, M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN” acabou sendo um depoimento político e teológico de suma importância.

Uma visão geral sobre a literatura exegética do trecho de Dn 5.25ss mostra que o texto aramaico, *filologicamente*, não apresenta grandes dificuldades. As traduções dos versículos 26-28 nas Bíblias e nos comentários científicos quase não variam ou divergem uma da outra; o que causa dificuldades de interpretação é, afinal, o sentido dos *símbolos* dessa frase. Basta olhar apenas em alguns comentários:

→ A. Bentzen, 1952; W. Kessler, 1961; O. Plöger, 1965; J.-Chr. Lebram, 1984; G. Maier, 1986; E. Haag, 1993: “Mene – Deus avaliou (ou: contou os dias de) teu reino e acabou com ele; Tequel – tu foste pesado numa balança e achado insuficiente (ou: quase sem peso); Peres – teu reino será (ou: está) dividido e será (ou: foi) dado aos medos e persas”.

→ J. J. Collins, 1989; N. W. Hutchings, 1990: “MENE: God has numbered the days of your kingdom and brought it to an end; TEKEL: you have been weight in the balances and found wanting; PERES: your kingdom is divided and given to the Medes and Persians”.

→ J. E. Goldingay, 1989: “A mina means: God counted out the days of your kingship and handed it over. A shekel means: You have been weighed on the scales and found deficient. A half means: Your kingship has been broken in half and given to Media and Persia”.

Primeiramente analisamos *as três interpretações mais antigas* dessa “inscrição na parede”:

A interpretação no texto massorético em Daniel 5.26-28

O profeta Daniel, no texto bíblico, interpreta a escritura na parede por meio de três jogos de palavras. Esse tipo de interpretação recorre ao método preferido na antiguidade: as assim chamadas “etimologias populares”. Já se encontram, p. ex., em Gn 11.9, onde se relaciona o nome da cidade de Babel com a raiz verbal *bll* = “confundir”. Na sua interpretação, Daniel não explica essas três expressões como substantivos, mas como *formas verbais*: de “M^eNÊ” ele deriva uma forma verbal da raiz hebraica / aramaica *mnh* (= “contar”): o perf. pe^{al}: “contou”. De “T^eQUÊL” ele deduz uma forma verbal da raiz aramaica *tql* (= “pesar”): o perf. pass. pe^{al}: “foi pesado”. Analogicamente, ele coloca por baixo de “Û-PHARSÎN” mais uma vez uma forma verbal da raiz hebraica / aramaica *prs* (= “dividir”): o perf. pass. pe^{al}: “P^eRÊS” = “foi dividido”. Sobressaem ainda três verbos que não trazem etimologias populares; esses têm a função de formar paralelismos de membros:

- 1a) M^eNÊ’: Deus contou o teu reino, 1b) e *deu-lhe fim*.
- 2a) T^eQUÊL: tu foste pesado na balança 2b) e *foste julgado deficiente*.
- 3a) P^eRÊS: teu reino foi dividido 3b) e *entregue aos medos e aos persas*.

A respeito do texto de Dn 5.25ss, resta agora dizer ainda duas coisas: A menção dos *persas* também se baseia num jogo de palavras; o dual / plural “PHARSÎN” pode ter a ver com os *dois* povos mencionados em Dn 5.28: os medos e os persas. – O “M^eNÊ” em Dn 5.25 pode ser duplicado secundariamente, como sugerem alguns comentários, com vistas ao esquema dos *quatro* reinos nos capítulos 2 e 7, pois as *quatro* palavras “M^eNÊ’, M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN” corresponderiam, deste modo, aos *quatro* reinos. Por outro lado, o primeiro “M^eNÊ” poderia ser também o part. pass. pe^{al} da mesma raiz verbal *mnh* (cf. 2Rs 12.11s), e com isso a tradução da frase seria: “foi *contado*: M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN”.

As interpretações da Septuaginta

A Septuaginta (= LXX), a tradução grega do Antigo Testamento, traz *diversas* versões do trecho em questão.

Tratamos, a seguir: A) da própria LXX; B) da tradução de *Theodótion*; e C) de um texto extra da LXX.⁶

⁶ A LXX contém vários textos extras em comparação com o texto massorético. É interessante que esses textos (cf., p. ex., 3Rs 2.35a-o, 46a-l e 12.24a-z) aparentemente ainda não foram retrabalhados pela redação deuteronômistica; cf. DOBBERAHN, Friedrich E. Una antigua lectura alternativa a la

A) A versão da *própria* LXX é orientada por uma tradição que, por sua vez, antecipa nas palavras de Daniel a citação do oráculo (LXX 5.17 = texto massorético 5.24-25); além disso, a LXX omite nos versículos 26-27 os três equivalentes gregos “**Mane**” (“M^eNÊ”), “**Thequel**” (“T^eQUÊL”) e “**Phares**” (“P^eRÊS”); eles aparecem – somente traduzidos – *como formas verbais*. Vejamos:

5.17: “Ἡριθμηται, κατελογισθη, εξηρται.”⁷ = “[Teu reino] está contado (perf. pass.), foi avaliado (calculado, ou: pesado? aor. pass.), está removido (perf. pass.).”

A tradução “está contado” corresponde corretamente ao כָּנַח “M^eNÊ” na forma de um perf./part. pass. pe’al. Um pouco difícil já é o “foi avaliado / calculado”. Se nós pudéssemos entendê-lo também como “foi pesado”, teríamos aqui o equivalente ao חָרַח “T^eQUÊL”, perf. pass. pe’al. O “está removido” toma por base, aparentemente, uma outra raiz verbal do que prs = “dividir”. É verossímil que a tradução “está removido” resulta de uma confusão entre duas raízes verbais bem semelhantes: prs com כָּ = *samech*, e prş com שָּ = *sade*. O verbo prş com *sade*, por sua vez, significa “rasgar”, “arrancar” (cf. 2Sm 6.8), isso também no sentido de “destruir”, “aniquilar”.⁸ A versão de 5.17 chama a atenção por seu laconismo, que é indício de uma alta idade.

5.28: “Ἡριθμηται ο χρονος σου της βασιλειας, αποληγει η βασιλεια σου, συντετμηται και συντετελεσται η βασιλεια σου, τοις Μηδοις και τοις Περσαις διδοται.”⁹ = “Teu tempo de reinado *está contado* (perf. pass.), teu reino aproxima-se ao fim (pres.), teu reino está cortado (perf. pass.) e está finalizado (perf. pass.), [e] *é dado* (pres. pass.) aos medos e persas.”

Com a exceção da primeira forma verbal, todos os outros verbos, aparentemente, não têm estreita ligação etimológica com o texto original de “M^eNÊ’, M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN”. A tradução apenas circunscreve o conteúdo; o estilo é bastante redundante, se bem que falta – em comparação ao texto massorético – um verbo na terceira linha:

- (1a) “Teu tempo de reinado está contado, (1b) teu reino aproxima-se ao fim,
(2a) teu reino está cortado (2b) e está finalizado,
(3a) [e] é dado aos medos (3b) e persas”.

revuelta de las tribus del norte contra la dinastia davidica despues de la muerte de Salomon. **RIBLA**, San José, Costa Rica, v. 19, p. 103-115 (esp. p. 113, lit.), 1994.

⁷ RAHLFS, A. **Septuaginta** – id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes, v. II. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1965. p. 905.

⁸ KÖHLER, L. & BAUMGARTNER, W. **Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament**. v. I-V. New York; Köln; Leiden: E. J. Brill, 1967-1995. v. III, 1983, p. 914b; cf. p. 915b.

⁹ RAHLFS, 1965, v. II, p. 906s.

B) De modo semelhante procede o texto de *Theodotion*, que, em sua tradução do Antigo Testamento para o grego, *cita*, no entanto, as três expressões enigmáticas:

“**Mane**: Deus *tem medido* (aor.) teu reino e tem cumprido (aor.) [seu tempo], **Thequel**: teu reino *foi colocado* (aor. pass.) na balança e foi achado (aor. pass.) em falta; **Phares**: *está desmontado* (perf. pass.) e foi dado (aor. pass.) aos medos e persas.”¹⁰

Como se vê, o texto de *Theodotion* fica mais perto do texto massorético; parece que o “tem medido” (εμητρεσεν) retoma o “**Mane**” / “M^eNÊ”. O “foi colocado na balança” (εστατη εν ζυγω) é deduzido de “**Thequel**” / “T^eQUÊL”. “Está desmontado” (δηρηται) deriva-se, certamente, de “**Phares**” / “P^eRÊS”. Chama a atenção, também aqui, o estilo pleonástico, ainda mais aperfeiçoado:

- (1a) “**Mane**: Deus tem medido teu reino (1b) e tem cumprido [seu tempo],
- (2a) **Thequel**: teu reino foi colocado na balança (2b) e foi achado em falta;
- (3a) **Phares**: está desmontado (3b) e foi dado aos medos e persas”.

C) Antes do início do capítulo 5, a LXX transmite um outro texto, um “*texto extra*”; esse apresenta apenas um breve resumo da história de Belsazar, citando, porém, as palavras enigmáticas do oráculo:

“Μανη ηριθμηται, φαρεις εξηρται, θεκελ εσταται.”¹¹ = “**Mane** = [teu reino] está contado, **Phares** = está removido, **Thequel** = está colocado [numa balança]”.

De novo cai na vista que a interpretação entende as três expressões como *formas verbais* (3x perf. pass.). O estilo caracteriza-se pela brevidade. Muito provavelmente achamos aqui uma das interpretações *mais antigas* de “M^eNÊ”, M^eNÊ, T^eQUÊL Û-PHARSÎN”.

No tocante a esse texto extra surgem, porém, duas dificuldades. A primeira é de natureza filológica: como em 5.17, a LXX – quanto ao “**Phares**” (= εξηρται) – toma por base a raiz verbal prš com š = *sade* no sentido de “destruir”, “aniquilar”¹². A segunda dificuldade consiste na mudança na ordem das palavras: “**Phares**” é colocado *antes* de “**Thequel**”. É de se supor, por enquanto, que o texto extra da LXX considerou aqui a expressão “**Thequel**” (= “está colocado [numa balança]”) como metáfora para o juízo final – motivo suficiente para pôr as palavras nessa outra sequência.

¹⁰ RAHLFS, 1965, v. II, p. 906s.

¹¹ RAHLFS, 1965, v. II, p. 903.

¹² KÖHLER; BAUMGARTNER, 1983, v. III, p. 914b; cf. p. 915b.

A interpretação de Flávio Josefo (século I d.C.)

Um passo adiante vai Flávio Josefo, *Antiquitates* X, 11, § 3¹³, apoiando as etimologias populares por considerações lexicográficas. Josefo parafraseia e explica o texto aramaico de Dn 5.25ss da seguinte maneira:

“Μανη (‘**Mane**’), assim Daniel disse, é na língua grega αριθμος (‘*arithmos*’ = ‘número’) e significa: Deus *contou* os dias de tua (Belsazar) vida e de teu reino; e resta apenas um prazo bem curto para ti. – Θεκελ, (‘**Thequel**’): isto é σταθμος (‘*stathmos*’ = ‘peso’), pois Deus *tem pesado* o tempo de teu reinado e revela, agora, que o mesmo aproxima-se ao fim. – Φαρες (‘**Phares**’): isto é κλασμα (‘*klasma*’ = ‘fragmento’) na língua grega; por conseguinte Deus está prestes a *quebrar* teu reino e a distribuí-lo entre os medos e os persas.¹⁴

Com esse texto – também numa sequência de três paralelismos de membros – Flávio Josefo forneceu talvez a primeira explicação *dos próprios termos* “M^eNĒ”, “T^eQUĒL” e “Ū-PHARSĪN” *atrás da interpretação* de Dn 5.26-28, considerando-os *como substantivos*: “número”, “peso” e “fragmento”. Até Jerônimo aceitou essa interpretação em seu comentário. Se bem que pode ser que Josefo ainda se deixou influenciar aqui pelas etimologias populares em Dn 5.26-28, vale constatar que ele apresenta a primeira tentativa de desvelar o significado dessa frase não pelas etimologias populares de Dn 5.26-28. Parece que Josefo reconheceu atrás da forma grega na LXX μανη, “**Mane**” a raiz aramaica מנה acima mencionada¹⁵: mnh, pe’al = “contar”. Assim sendo, ele identifica o termo “**Mane**” *ou* como um part. pass. *substantivado* “contado” = “número”, *ou* como uma forma do *substantivo* aramaico מנין = “MINYÂN” / מנינא = “MINYÂNĀ” = “número”¹⁶. “**Thequel**”, o segundo termo, não apresentou problemas a ele, por ser simplesmente a forma aramaica do *substantivo* hebraico שקל = “SHĀQĀL” (siclo) = peso¹⁷. A expressão “**Phares**” Josefo relaciona com a raiz verbal hebraica / aramaica פרס = prs = “separar”, “quebrar”, “dividir”, pressupondo também aqui um *substantivo* como פרס = “P^eRĀS”, פרוס = “PĀRŪS”, פרוסה = “P^rRŪSĀH” = “metade”, “pedaço [de pão]”, “fragmento”¹⁸. Por fim, seguindo o texto bíblico, Josefo menciona também os *persas*; mas é menos

¹³ MARCUS, R. *Josephus in nine volumes*. v. VI. Jewish Antiquities, books IX-XI with an English translation, Cambridge, MA, London, 1937. (The Loeb Classical Library, 326). v. VI, p. 292; CLEMENTZ, H. *Des Josephus Jüdische Altertümer*. Wiesbaden: Fourier Verlag, 1990. p. 640.

¹⁴ MARCUS, 1937, v. VI, p. 293.

¹⁵ cf. KÖHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. V, p. 1739b.

¹⁶ cf. LEVY, J. *Wörterbuch über die Talmudim und Midraschim*. v. I-IV. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963. v. III, p. 157ss.

¹⁷ cf. KÖHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. V, p. 1800a.

¹⁸ cf. KÖHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. V, p. 1766a; DALMAN, G. *Aramäisch-Neuhebräisches Handwörterbuch zu Targum, Talmud und Midrasch*. Hildesheim: Georg Olms, 1967. p. 350b e p. 346b.

provável que ele pretende acrescentar aqui mais uma explicação *filológica* para a expressão “**Phares**”. No entanto, precisamos concluir disso tudo que Josefo buscou o sentido original dos três termos ainda *dentro* dos moldes da interpretação bíblica.

Chegamos, com isso, a seguinte conclusão: A forma mais *antiga* do oráculo “M^eNÊ’, M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN” nem consta no texto massorético de Dn 5.25ss, mas se encontra *na versão extra da LXX* junto com a sua interpretação mais antiga: “Μανη ηριθμηται, φαρες εξηρται, θεκελ εσταται”, quer dizer: “**Mane** = [teu reino] está contado, **Phares** = está removido, **Thequel** = está colocado [numa balança]”. Isso significa duas coisas: a) que a forma dual / plural de “P^eRES”: “PHARSÎN” é secundária (provavelmente devido aos *dois* reinos: o dos medos e o dos persas, Dn 5.28); e b) que também a ordem dos três termos – “**Mane**” / “**Phares**” / “**Thequel**” – ocorre aqui na sequência original. Para isso, contudo, falta-nos ainda uma evidência clara. Suspeitamos acima que “**Thequel**” / “T^eQUÊL” foi considerado uma metáfora para o juízo final, o que levou o texto extra da LXX a colocar essa expressão numa outra ordem. Existem, porém, ainda mais argumentos para a tese de que a ordem original dos termos era, de fato, “M^eNÊ’” / “**Mane**” – “P^eRÊS” / “**Phares**” – “T^eQUÊL” / “**Thequel**”.

Os três substantivos enigmáticos “M^eNÊ’, T^eQUÊL, PHARSÎN”

Os comentaristas científicos não se têm contentado com as explicações da Bíblia e de Josefo.

O método da etimologia popular, por mais importante e lindo que seja, não é mais o nosso método. Sob o pressuposto de que a vocalização do texto massorético é secundária, abrem-se novos caminhos de entendimento.

Primeiramente, as etimologias populares já podem ser sugeridas por um texto *vocalizado*; o texto vocalizado em Dn 5.25 – “M^eNÊ’” assim como “T^eQUÊL” – sugere formas verbais, o que, por sua vez, também já estabelece uma interpretação. É interessante que as formas “μανη, θεκελ φαρες” também foram identificadas pela LXX como formas verbais. As transliterações da LXX (p. ex. também na Hécaxpla de Orígenes), que divergem bastante do texto massorético vocalizado, levam a crer que, de fato, pouco sabemos do vocalismo *vivo* do hebraico e aramaico históricos.

Em segundo lugar, o texto não-vocalizado – que é, aliás, a *forma* em que as inscrições geralmente foram publicadas – admite outras interpretações de Dn 5.25ss, indo além das explicações oferecidas pelo texto massorético e pelos textos gregos. Assim sendo, foi o exegeta francês *Ch. Clermont-Ganneau* que, em 1886, levantou – como primeiro – a seguinte suposição: As três expressões um tanto enigmáticas “M^eNÊ’, T^eQUÊL, PHARSÎN” são *substantivos* que representam *diversos pesos ou*

diversos valores de moedas. Desde então muitos outros exegetas, principalmente exegetas alemães, confirmaram essa tese¹⁹, dizendo:

A) “MN” (μνα, μανη) pode ser o *status absolutus* de מניא = “manyâ”²⁰ = Mina ou Talento (moeda); é menos provável que “M^eNÊ” signifique exclusivamente “parte”, “pedaço”²¹.

B) “TQL” parece ser o *status absolutus* de תקלא = “tiqlâ”²², uma forma aramaica, não inusitada, de Shāqāl (siclo, moeda de menos valor, ca. 1/50 ou 1/60 de uma Mina)²³.

C) “PHARSÎN” é provavelmente a forma dual / plural de “PRS” (φαρεις) que tem o valor de uma 1/2 Mina²⁴. Dois exemplares dessa moeda dão uma Mina ou um Talento, respectivamente.

No entanto, enfrentamos aqui o seguinte problema: “MN” e “TQL” estabelecem uma sequência *diminuidora* de valores. O mesmo não vale em relação à sequência de “TQL” e “PHARSÎN”. É verdade que “PRS”, em textos aramaicos, também significa “metade” num sentido geral²⁵. Mesmo sendo assim, o dual / plural “PHARSÎN”, referindo-se ao “TQL”, indicaria o *mesmo* valor como o “TQL”. Além do mais, persiste ainda a dificuldade de que, justamente numa série de *moedas*, o termo “PRS” deveria significar apenas “metade” num sentido geral.

Todas essas dificuldades resolver-se-iam se nós assumíssemos *a versão do texto extra da LXX* como a mais original, quer dizer, léssemos “PRS” em vez de “PHARSÎN”, entendéssemos “PRS” como *moeda* (= 1/2 Mina) e colocássemos as três moedas na sequência na qual ocorrem no texto extra da LXX:

A) “MN” = 1 Mina (ou 1 Talento)

B) “PRS” = 1/2 Mina

C) “TQL” / Shāqāl (siclo) = 1/50 ou 1/60 de uma Mina

¹⁹ P. ex., P. Haupt, 1896; H. Bauer, 1925; veja EISSFELDT, O. **Kleine Schriften**. v. III. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1966. p. 213 (lit.); PLÖGER, O. **Das Buch Daniel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1965. (Kommentar zum Alten Testament, v. XVIII). p. 83 (lit.); etc.

²⁰ Targum Ez. 45, 12; cf. SPERBER, A. **The Bible in Aramaic**. v. I-IVb. Leiden: E. J. Brill, 1959-1973. 1962, v. III, p. 376; DALMAN, 1967, p. 241; KÖHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. V, p. 1739a.

²¹ cf. LEANDER, P. **Laut- und Formenlehre des Ägyptisch-Aramäischen**. Hildesheim: Georg Olms, 1966. p. 77; cf. também p. 15.

²² Targum Ex. 38, 26, cf. SPERBER, 1959, v. I, p. 159; cf. DALMAN, 1967, p. 447a.

²³ cf. KÖHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. V, p. 1800a; PLÖGER, 1965, p. 83.

²⁴ cf. VV. AA. **Corpus Inscriptionum Semiticarum** II, 1886, p. 10, pr^s = 1/2 Mana; cf. EISSFELDT, 1966, v. III, p. 215; cf. Também LIDZBARSKI, M. **Ephemeris für semitische Epigraphik**. Gießen: Alfred Töpelmann, 1908. v. II. p. 422a; DALMAN, 1967, p. 350b; KÖHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. V, p. 1766.

²⁵ cf. DONNER, H. & RÖLLIG, W. **Kanaanäische und Aramäische Inschriften**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968-. v. I-III. 1968, v. II, p. 215s; também no aramaico de diversos tratados do Talmud, cf. LEVY, J. **Wörterbuch über die Talmudim und Midraschim**. v. I-IV. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963. v. IV, p. 123b.

Com isso chegamos ao seguinte resultado: o “M^eNÊ’, M^eNÊ’, T^eQUÊL Û-PHARSÎN” em Dn 5.25 (texto massorético) já representa uma forma *trabalhada* daquele misterioso oráculo que foi escrito pela mão humana na parede do palácio real na Babilônia. Desta forma trabalhada depende já a LXX em Dn 5.17 e 26-28. A forma original desse oráculo está conservada ainda no texto extra da LXX: “**Mane, Phares, Thequel**” = “MN’, PRS, TQL”, apresentando uma série de moedas *em sequência diminuidora* de valores. É natural que uma história tão empolgante como a de Dn 5²⁶ foi retrabalhada várias vezes e que uma inscrição como essa provocou um leque de interpretações. Uma dessas interpretações, que anuncia ao rei da Babilônia o fim de seu reino, pode ter causado a inversão de “PRS” e “TQL”: talvez devido ao fato histórico de que a Babilônia tornou-se a presa do reino dos *persas*; nisso culmina a história de Belsazar. Uma outra interpretação pode ter causado a mudança do singular (“PRS”) para o dual / plural (“PHARSÎN”): talvez tendo em vista que Ciro era o rei de *dois* reinos, o rei dos medos *e* o rei dos persas.

Daniel 5.25: uma parábola sobre a história mundial

O que ainda não explicamos é: qual era o sentido da escritura em sua forma *original*: “MN’, PRS, TQL”? Qual era a mensagem de um oráculo que consistiu apenas numa enumeração de moedas em sequência diminuidora de valores? Muitos comentários têm respondido: A escritura na parede coloca uma parábola para os grandes reis babilônicos que oprimiam Judá; esses reis opressores – Nabucodonosor e seus sucessores – enfraquecem cada vez mais até que surgem os persas como libertadores.²⁷

Essa interpretação tem a desvantagem de que, segundo o texto de Dn 5, a mensagem da escritura dirige-se exclusivamente a Belsazar e que, além disso, não está claro a quais dos *seis* reis babilônicos de fato se referem as *três* moedas: a Nabucodonosor (605-562 a.C.), a Avil-Marduque (562-560 a.C.), a Neriglisar (560-556 a.C.), a Labashimarduque (556 a.C.) ou a Nabônides (556-539 a.C.), que, por sua vez, foi substituído durante a sua estadia de dez anos na oásis de Teima pelo príncipe herdeiro Belsazar?

²⁶ Cf. GUNKEL, H. **Das Märchen im Alten Testament**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1921. p. 23-26. (Religionsgeschichtliche Volksbücher, v. II). p. 142.

²⁷ cf. BENTZEN, A. **Daniel**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1952. (Handbuch zum Alten Testament, I. Reihe, v. 19). p. 50s; PLÖGER, 1965, p. 89; LEBRAM, J.-Chr. **Das Buch Daniel**. Zürich: TVZ, 1984. (Zürcher Bibelkommentare zum Alten Testament, v. 23). p. 73; MAIER, G. **Der Prophet Daniel**. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag, 1986. (Wuppertaler Studienbibel). p. 227; COLLINS, J. J. **Daniel / First and Second Maccabees**. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, Inc., 1989. (Old Testament Message, v. 15). p. 60; GOLDINGAY, J. E. **Daniel**. Dallas, Texas: Word Books Publisher, 1989. (World Biblical Commentary, v. 30). p. 111; HAAG, E. **Daniel**. Würzburg: Echter Verlag, 1993. (Die Neue Echter Bibel). p. 51.

Ao meu ver, o sentido de “MN”, PRS, TQL” deve ser procurado em uma *outra* direção. É claro que o oráculo pretende estabelecer, primeiramente, uma correspondência entre as moedas cada vez menores e os poderes de reis cada vez mais enfraquecidos. A parábola não pensa, contudo, em determinados reis babilônicos; pensa, sim, num processo *geral* da perda do poder; esse processo culmina aqui no reinado de Belsazar.

Mas isso não é tudo o que está por trás desse oráculo. É decisivo para o correto entendimento do oráculo que tomemos em consideração que, na antiguidade (também ainda na época dos persas)²⁸, as *moedas* representavam *pesos* de metais preciosos. Isso quer dizer no contexto da parábola: *moedas* de menos valor representavam ao mesmo tempo *pesos* de menos peso. Disso resulta a seguinte correspondência entre as moedas e os reis babilônicos: assim como as moedas simbolizam pesos cada vez menores, desvanece-se cada vez mais, num processo de decadência e enfraquecimento político, o poder dos grandes reis babilônicos. E isso significa: *os reis opressores, com todo o seu peso gigante de poder, por fim não conseguem mais segurar o equilíbrio contra o peso crescente dos oprimidos, explorados e assassinados*. De repente, a história mundial vira-se contra esses poderosos. E essa virada está por vir. Ao meu ver, o texto de Dn 5.25 pensa aqui a história mundial nos moldes de uma *parábola*: quanto mais os poderosos jogam, em seu abuso de poder, suas vítimas no outro lado da balança, perdem seu próprio peso.

Com isso, o “MN”, PRS, TQL” em seu sentido original quer simplesmente descrever a evolução da história mundial. A mão divina revela o que o sistema de imperialismo e dominação mesmo escreve nas paredes de seus palácios: esse sistema escreve seu próprio “menetequel”. Esse “menetequel” afirma como “tese” profética: *Um dia, os poderosos mesmos se derrubam pelo peso das vítimas que produzem*. Assim, pelo processo de constante opressão e exploração, eles perdem – vítima por vítima – na balança da história mundial seu próprio peso. Nisso se manifestam a cegueira e o equívoco de todos os poderosos, acreditando que suas vítimas desaparecem *sem peso* no nada. Foi por isso que Belsazar e seus grandes, seus “adivinhos, caldeus e astrólogos” não conseguiram “ler” a lógica fácil daquela escritura: O peso dos poderosos se desvanece *porque o peso daqueles que são esmagados e maltratados brutalmente torna-se, um dia, maior do que o peso dos tiranos que tudo pisoteiam*. É Deus que, afinal, garante o funcionamento sincero da balança da história mundial. Os miseráveis, os excluídos, os “sem voz e vez” recuperarão seu peso histórico. Deus fará, assim, do peso das vítimas e dos mártires o centro de gravidade da história. Assim sendo, mostra-se, mais uma vez, a veracidade daquilo que consta no Magnificat: “Ele depõe os poderosos de seus tronos, e a humildes exalta; ele cumula de bens a famintos e despede ricos de mãos

²⁸ Cf. VAUX, R. de. **Das Alte Testament und seine Lebensordnungen**. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1964. v. I. p. 327ss; WEIPPERT, H. **Palästina in vorhellenistischer Zeit**. München: C. H. Beck, 1988. (Handbuch der Archäologie, Vorderasien II, v. 1). p. 725.

vazias, socorre Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia” (Lc 1.52-54; cf. também 1Sm 2.7-9).

Voltamos por fim para o filme de Samîra Makhmalbâf. Aplicando a parábola da balança em Dn 5.25 à nossa realidade, surgem muitas perguntas. Caem na vista os hodiernos perigos e as graves consequências de um sistema de ferrenho imperialismo e opressão global ainda em vigor que desestabiliza civilizações inteiras e cria o ambiente para a privatização de guerras através de “warlords” e líderes religiosos.²⁹ Também é visível que o ambiente da opressão contínua produz mais e mais um clima de desespero, do qual se usam organizações terroristas.³⁰ Mas é claro que as promessas divinas de 1Sm 2.7-9 e de Lc 1.52-54 não justificam os terrores das “guerras modernas”, nem a parábola da balança em Dn 5.25 as guerras de modo de “nine eleven”. Deus não está por trás do terrorismo. O “menetequel” de Dn 5.25, a parábola da balança, contudo permanece ser uma promessa e um alerta, apontando também para acontecimentos da nossa época que ainda rompem nossa imaginação.

Referências bibliográficas

- BAUMGARTNER, W. & RUDOLPH, W. **Daniel – Esra – Nehemia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1976. (Biblia Hebraica Stuttgartensia, v. 14).
- BENTZEN, A. **Daniel**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1952. (Handbuch zum Alten Testament, 1. Reihe, v. 19).
- CLEMENTZ, H. **Des Josephus Jüdische Altertümer**. Wiesbaden: Fourier Verlag, 1990.
- COLLINS, J. J. **Daniel / First and Second Maccabees**. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, Inc., 1989. (Old Testament Message, v. 15).
- DALMAN, G. **Aramäisch-Neuhebräisches Handwörterbuch zu Targum, Talmud und Midrasch**. Hildesheim: Georg Olms, 1967.
- DONNER, H. & RÖLLIG, W. **Kanaanäische und Aramäische Inschriften**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968-. v. I-III.
- EISSFELDT, O. **Kleine Schriften**. v. III. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1966.
- GOLDINGAY, J. E. **Daniel**. Dallas, Texas: Word Books Publisher, 1989. (World Biblical Commentary, v. 30).

²⁹ MÜNKLER, 2002, esp. p. 159ss; MÜNKLER, 2006, esp. pp. 17ss, tem mostrado como o clima de desespero pode ser abusado pela privatização de guerras através de *warlords* e líderes religiosos, que não apenas valorizam a pessoa dos recrutados com um “papel histórico” (na maioria dos casos trata-se de jovens), mas também criam uma lucrativa economia de guerra que, por sua vez, beneficia em certa medida também os recrutados.

³⁰ Para isso remeto mais uma vez à história de Taha al-Schâsli no livro acima citado de AL-ASWANI, 2007, p. 216ss, 227ss, 250ss, 284ss, 306ss, 356ss.

- GUNKEL, H. **Das Märchen im Alten Testament**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1921. p. 23-26. (Religionsgeschichtliche Volksbücher, v. II).
- HAAG, E. **Daniel**. Würzburg: Echter Verlag, 1993. (Die Neue Echter Bibel).
- HUTCHINGS, N. W. **Exploring the Book of Daniel**. Oklahoma City: Hearthstone Publishing, 1990.
- KESSLER, W. **Zwischen Gott und Weltmacht – Der Prophet Daniel**. Stuttgart: Calwer, 1961. (Die Botschaft des Alten Testaments, v. 22).
- KÖHLER, L. & BAUMGARTNER, W. **Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament**. v. I-V. New York; Köln; Leiden: E. J. Brill, 1967-1995.
- LEANDER, P. **Laut- und Formenlehre des Ägyptisch-Aramäischen**. Hildesheim: Georg Olms, 1966.
- LEBRAM, J.-Chr. **Das Buch Daniel**. Zürich: TVZ, 1984. (Zürcher Bibelkommentare zum Alten Testament, v. 23).
- LEVY, J. **Wörterbuch über die Talmudim und Midraschim**. v. I-IV. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.
- LIDZBARSKI, M. **Ephemeris für semitische Epigraphik**. Gießen: Alfred Töpelmann, 1908. v. II.
- MAIER, G. **Der Prophet Daniel**. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag, 1986. (Wuppertaler Studienbibel).
- MARCUS, R. **Josephus in nine volumes**. v. VI. Jewish Antiquities, books IX-XI with an English translation, Cambridge, MA, London, 1937. (The Loeb Classical Library, 326).
- PLÖGER, O. **Das Buch Daniel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1965. (Kommentar zum Alten Testament, v. XVIII).
- RAHLFS, A. **Septuaginta – id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes**, v. II. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1965.
- VV. AA. **Corpus Inscriptionum Semiticarum**. v. II. Klincksieck, Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1889-.
- SPERBER, A. **The Bible in Aramaic**. v. I-IVb. Leiden: E. J. Brill, 1959-1973.
- VAUX, R. de. **Das Alte Testament und seine Lebensordnungen**. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1964. v. I.
- WEIPPERT, H. **Palästina in vorhellenistischer Zeit**. München: C. H. Beck, 1988. (Handbuch der Archäologie, Vorderasien II, v. 1).